



Artigo
Article

Perspectivas de abordagem do fracasso escolar desde a
Psicologia Diferencial

Perspectives in Differential Psychology to approach school failure

Raoni Borges Barbosa¹
Monijany Lins de Góis²

RESUMO: O texto *Psicologia Diferencial*, de Maria Helena Souza Patto, faz parte de uma reflexão mais ampla sobre o fenômeno do fracasso escolar. Incluso na obra *A produção do fracasso escolar*, o excerto aqui debatido aborda a polêmica questão do resultado negativo dos investimentos em educação para a formação individual: como compreendê-lo e como explica-lo? Patto apresenta, então, quatro possíveis respostas, dispostas nos seguintes tópicos do seu texto: *A genialidade hereditária*, em que discute o nascimento da Psicologia Diferencial e suas teses racialistas e eugenistas; *Como diagnosticar a aptidão dos escolares*, em que aborda as teses liberal-democratas da corrente Escolanovista; *Quem será educado?*, em que discute uma abordagem mais antropológica da psicologia diferencial, pautada na Teoria da Privação Cultural; e, por fim, no tópico *Teoria da carência cultural: o preconceito disfarçado*, em que reflete sobre o quase total deslocamento das concepções biologizantes e psicologizantes para uma concepção mais culturalista e sociológica do fenômeno do fracasso escolar. A discussão de Patto sobre o fracasso escolar é aprofundada desde breves considerações do modelo antropológico-cultural laciano de constituição do sujeito. **Palavras-chave:** psicologia diferencial, fracasso escolar, Escola Nova, teoria da privação cultural, teoria da carência cultural.

¹ Cientista Social. Doutor em Antropologia. Prof. Visitante da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, lotado no Departamento de Ciências Sociais e Políticas e membro colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas. E-Mail: raoniborges@gmail.com

² Economista. Mestra em Engenharia das Energias Renováveis. E-mail: monijany.lins@cear.ufpb.br

ABSTRACT: The text *Differential Psychology*, by Maria Helena Souza Patto, is part of a broader reflection on the phenomenon of school failure. Included in the work *The production of school failure*, the excerpt debated here addresses the controversial question of the negative result of investments in education for individual training: how to understand it and how to explain it? Patto then presents four possible answers, arranged in the following topics of his text: Hereditary genius, in which he discusses the birth of Differential Psychology and its racist and eugenicist theses; How to diagnose the aptitude of schoolchildren, in which it addresses the liberal-democratic theses of the current Escolanovista; Who will be educated?, in which he discusses a more anthropological approach to differential psychology, based on the Theory of Cultural Deprivation; and, finally, on the topic Theory of cultural need: disguised prejudice, in which it reflects on the almost total shift from biologizing and psychologizing concepts to a more cultural and sociological conception of the phenomenon of school failure. Patto's discussion of school failure is deepened from brief considerations of the Lacanian anthropological-cultural model of constitution of the subject. **Keywords:** differential psychology, school failure, Escola Nova, cultural deprivation theory, cultural deprivation theory.

INTRODUÇÃO

O texto *Psicologia Diferencial*, de Maria Helena Souza Patto, faz parte de uma reflexão mais ampla sobre o fenômeno do fracasso escolar. Incluso na obra *A produção do fracasso escolar*, o excerto aqui resumido aborda a polêmica questão do resultado negativo dos investimentos em educação para a formação individual: como compreendê-lo e como explica-lo? Patto apresenta, então, quatro possíveis respostas, dispostas nos seguintes tópicos do seu texto: *A genialidade hereditária*, em que discute o nascimento da Psicologia Diferencial e suas teses racistas e eugenicistas; *Como diagnosticar a aptidão dos escolares*, em que aborda as teses liberal-democratas da corrente Escolanovista; *Quem será educado?*, em que discute uma abordagem mais antropológica da psicologia diferencial, pautada na Teoria da Privação Cultural; e, por fim, no tópico *Teoria da carência cultural: o preconceito disfarçado*, em que reflete sobre o quase total deslocamento das concepções biologizantes e psicologizantes para uma concepção mais culturalista e sociológica do fenômeno do fracasso escolar. A discussão de Patto sobre o fracasso escolar é aprofundada desde breves considerações do modelo antropológico-cultural laciano de constituição do sujeito.

A PSICOLOGIA DIFERENCIAL: UM PERCURSO HISTÓRICO

No tópico *A genialidade hereditária*, a psicologia diferencial, enquanto ferramenta científica de base metodológica quantitativa e objetiva, é o ponto de partida para a observação, mensuração e classificação das diferenças psíquicas (capacidades cognitivas, emocionais, mnemônicas, de aprendizado e etc.) entre indivíduos e grupos humanos. Para

a corrente clássica da psicologia diferencial, a variável independente que marca as possibilidades de sucesso na transmissão de bens simbólicos e de habilidades civilizacionais para o indivíduo consiste em sua própria formatação genética, de modo que noções como raça, inatismo e desvio biológico do considerado normal imperam nessa perspectiva teórica.

Fortemente influenciada por Galton, que explorou os quatro ramos da psicologia diferencial (biologia, psicologia experimental, testes psicológicos e determinação hereditária), esta disciplina científica remete aos estudos darwinianos evolucionistas sobre evolução, adaptação e variação na dinâmica ecológica intra- e interespecífica, considerando, assim, processos de transmissão de habilidades entre gerações de uma população de seres. Galton, nesse sentido, absorveu o argumento evolucionista para refletir como os seres humanos aprendem, inclusive com a produção de testes de aferição de reação sensorial a estímulos intelectuais, concluindo que a genialidade (capacidade de aprendizado) é uma herança genética e, portanto, ligada a elementos raciais.

A preocupação de Galton em discutir cientificamente sobre as bases genéticas das diferenças psíquicas individuais faz parte do contexto político e ideológico racialista do último quartel do século XIX, quando começa a entrar em colapso o cenário conservador, monárquico, aristocrático e escravista ou servil nas colônias europeias e na Europa. A nova ideologia burguesa de mérito individual e de sucesso pelo empreendimento, pelo talento e pela inteligência que sabe valer-se das oportunidades de mercado, formalmente iguais para todos, transparecia nos discursos racialistas e eugenistas da psicologia diferencial, em cujas representações sociais o branco europeu desponta no topo da hierarquia das raças.

No tópico *Como diagnosticar a aptidão dos escolares*, a psicologia diferencial assume uma nova roupagem no contexto social e político norte-americano, - depurado do ranço nobiliárquico europeu caracterizado pela preocupação em identificar e justificar linhagens e famílias transmissoras da genialidade inata. Nos EUA, com efeito, os Escolanovistas, imbuídos do espírito filantrópico protestante e da urgência em construir um país continental em bases capitalistas liberal-democratas, estavam preocupados com a promoção social de talentos empreendedores em um sistema nacional de ensino em que o fracasso e a seleção dos mais aptos normalmente convivem e, assim, afirmam a ideologia do mérito individual e das desigualdades sociais.

O fracasso escolar, nessa perspectiva teórica, foi primeiramente enquadrado como uma questão médica e psicológica de subdotação das capacidades individuais que remete à visão organicista das aptidões humanas. Ato contínuo os Escolanovistas sofisticaram seus argumentos ao focar e considerar a estrutura classicista da sociedade capitalista, enfatizando, assim, necessidades de reformas políticas e econômicas no sentido de maior fraternidade, igualdade e liberdade no jogo social.

As escolas especiais, assim como a gradual obsolescência da classificação normal e anormal para lidar com um público em formação definido como crianças problemas, indicam como a corrente Escolanovista caminhou gradualmente de uma perspectiva racialista para uma perspectiva organicista e, por fim, mais preocupada com o ambiente e o investimento afetivo-emocional do ser humano em processo de aprendizagem. O movimento de higiene mental escolar foi um dos marcadores sociais dessa passagem ao cunhar o termo de desajuste infantil: localizava no organismo e em seu entorno relacional a questão do fracasso sem abrir mão de uma definição funcionalista e conservadora do jogo social.

Este deslocamento teórico implicou em uma maior atenção da psicologia diferencial aos trabalhos da antropologia cultural. Pois que da variável independente raça partia-se agora para variável independente da cultura, de modo que se abria a possibilidade teórica de compreensão e explicação do fenômeno do fracasso escolar ser percebido enquanto signo de atraso da cultura dominada, inferior, primitiva em uma estrutura classicista, colonial e exploradora de relações sociais.

No tópico *Quem será educado?*, Patto discute a Teoria da Privação Cultural, do antropólogo Warner e de colaboradores da Psicologia e da Pedagogia, no contexto pós-guerra norte-americano, em que as expectativas de uma geração de ascensão social mediante o investimento em educação se veem frustradas pelos imperativos da dinâmica econômica capitalista. Importava, então, recuperar a confiança nos princípios democráticos e de igualdade formal e de oportunidades no jogo social classicista.

A solução de Warner e colaboradores foi a de redefinir as noções de justiça social, distanciando-a da noção de igualdade formal e de oportunidades, e associando-a à noção de mérito individual. Nessa abordagem, enfatiza-se que o jogo social produz desigualdades e hierarquias, de modo que estas devem estar sintonizadas com as diferenças inatas entre os indivíduos: os mais aptos, capazes e habilidosos devem poder acessar os postos mais altos da hierarquia social.

O papel da escola, nesse sentido, é o de formar uma mentalidade ajustável ao jogo social capitalista neoliberal, de maneira a desconstruir sentimentos de fracasso e de ressentimento de indivíduos menos aptos que não ascenderam socialmente. O fenômeno do fracasso escolar individual, portanto, aparece como uma falha comunicacional da instituição escolar, pois a ela cabe educar os indivíduos de acordo com a máxima que os indivíduos humanos são por natureza desiguais e que no jogo social não há espaço para todos nos altos degraus da hierarquia social.

No último tópico, *Teoria da carência cultural: o preconceito disfarçado*, Patto discute a questão do papel da escola e da formação escolar e acadêmica para a aquisição e preservação de posições sociais, bem como para a manutenção de privilégios de classe e para a exclusão histórica de minorias, desde a perspectiva culturalista que sucede, nos embates pedagógicos, a Teoria da Privação. Trata-se do contexto histórico dos anos de 1970, em que eclodem os movimentos negro, de mulheres, lgbs, de minorias nacionais, de descolonização e de democratização de regimes autoritárias e totalitários ao redor do mundo.

Movimentos estes que denunciam a falácia liberal de igualdade de oportunidades e a perversidade neoliberal de ajuste funcional entre as desigualdades sociais e as supostas diferenças individuais. Estes movimentos denunciam, nesse sentido, que a ideologia dominante, em fachada científica, impõe publicamente o argumento de que a pobreza e seus ambientes deteriorados e precarizados, isto é, a carência cultural seria a variável independente de explicação do fracasso escolar. Nesta abordagem mais culturalista da questão do fracasso escolar, a incompetência individual para o aprendizado aparece associada a variáveis independentes como pobreza, comportamentos desviantes e carência cultural, de modo que o indivíduo dos baixos degraus da hierarquia social recebe o estigma da incompetência, seja na condução da própria vida, seja na preparação das novas gerações para o jogo social.

O MODELO ANTROPOLÓGICO-CULTURAL LACANIANO DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: BREVES CONSIDERAÇÕES

O texto de José S. Justo, intitulado *A Psicanálise Lacaniana e a Educação*, faz parte da coletânea *Introdução à Psicologia da Educação: Seis abordagens*, de Kester Carrara (2004), e dedica-se a apresentar e discutir a tese central da psicanálise lacaniana em uma

abordagem proveitosa para a atividade da educação enquanto fenômeno amplo que envolve a produção social, coletiva, reflexiva e crítica do sujeito (do Eu) em uma estrutura de relações marcada por lugares e funções simbolicamente organizados.

Nesse sentido, Justo organiza o seu texto em momentos analíticos estanques, mas complementares, de modo a apresentar a teoria psicanalítica de Jacques Lacan como um diálogo criativo com os estudos de Freud e que, por sua vez, resultou em uma perspectiva nova e renovadora sobre o inconsciente, isto é, sobre como os elementos significantes mais profundos das atividades psíquicas humanas (pulsões, instintos, desejos) atuam na produção do Eu individual e nos comportamentos sociais.

No primeiro momento do texto, Justo contextualiza historicamente o nascimento da Psicanálise nos círculos freudianos vienenses, onde ainda imperava uma abordagem biologizante sobre o inconsciente, o desejo e a formação do Eu humanos. Lacan aparece, então, como uma força desestabilizadora que associa os temas caros à Psicanálise com abordagens da Sociologia e da Linguística, refundando, em síntese, a Psicanálise em um modelo antropológico-cultural.

Esse novo modelo em que Lacan inscreve a Psicanálise permite análises sobre a formação do inconsciente, do Eu, do desejo, das pulsões desde perspectivas relacionais, interacionais, de maneira que se enfatiza o nascer do indivíduo humano para o mundo: os processos de aprendizagem inevitavelmente influenciados pelos espelhismos e transferências, em que o Outro demarca possibilidades sempre dinâmicas, indeterminadas e, portanto, incompletas de produção intersubjetiva. O Outro se organiza, nesse modelo de produção do Eu na descoberta do mundo social como estrutura relacional de lugares-função, como as múltiplas experiências culturais do Eu, isto é, como os processos comunicacionais em que o Eu se confronta com os personagens da sua sociedade.

Justo, no segundo momento do texto, desenvolve esse argumento ao tratar da linguagem e da cultura como os parâmetros simbólicos da constituição moral, emocional, cognitiva e comportamental do sujeito. Discorre, então, exaustivamente sobre como o animal humano, diferentemente de outros animais, está fadado a viver sem uma ‘bula’ biológica que organize satisfatoriamente seus instintos.

O animal humano, portanto, está condenado a construir sua ‘bula’ cultural, social, inventando padrões básicos de alimentação e de sexualidade e padrões interacionais complexos de vida coletiva, o que, por sua vez, implica na demonstração de que o

inconsciente, o Eu, os desejos e as pulsões humanas, mas que fenômenos biológicos, são produtos de estruturas relacionais de lugares-função que precisam ser aprendidos pelos novos indivíduos que chegam ao mundo social. Aqui Justo dialoga com Arendt para discutir a necessidade premente de ‘historiação’ na constituição de sujeitos e coletividades humanas saudáveis, haja vista que a apropriação do passado é uma condição para a produção de sentidos existenciais.

No terceiro momento do texto, Justo expõe a discussão de Lacan sobre o estádio do espelho no desenvolvimento da criança, o que, em linhas gerais, é um modelo para a explicação da entrada da criança no plano simbólico e para a consequente aquisição da linguagem. Ao reconhecer-se no espelho como imagem projetada de si, a criança finalmente evoluiu cognitivamente para poder diferenciar entre Eu e Outro, entre Representante e Representado, entre Significante e Significado, entre Representação da Coisa e Representação da Palavra.

Este desenvolvimento, com efeito, ocorre mediado pela figura materna como espelho da criança, que lhe traduz os sentidos primevos do mundo e lhe comunica desejos que serão tomados como próprios. A figura paterna, ato contínuo, aparece como elemento de desestabilização da díade mãe-filho, inserindo o momento triádico de interdição, de ruptura do gozo absoluto do filho em relação à mãe e, nesse sentido, complexificando a experiência da criança com esse Outro que é o mundo da experiência, das relações psicossociais, em que o sujeito aprende seus desejos inconscientes na interação. O quarto momento do texto aprofunda essa discussão sobre a construção social do desejo e das pulsões individuais, fortemente marcadas pelo desejo da mãe e pela presença do pai, tal como denunciam as relações de parentesco e as heranças culturais como as marcações simbólicas de nome e sobrenome da criança.

No quinto e último momento do seu texto, Justo reúne toda a discussão sobre a teoria psicanalítica lacaniana e aplica suas conclusões no contexto de sala de aula e da relação diádica entre professor e aluno. Nessa estrutura relacional de lugares-função, os lugares psicossociais são fortemente marcados pela relação de poder daquele que ensina sobre aquele que aprende, de modo que o professor aparece para o aluno como um espelho do social e da cultura mais amplos, isto é, como uma figura ideal e idealizada de construção do Eu.

Nessa relação, tal como na estruturação dos lugares psicossociais mãe – filho – pai, há oportunidades de sedução, de autoritarismo, de omissão e outros abusos que acabam

retardando a produção reflexiva e crítica do aluno como sujeito autônomo e livre no mundo. Justo, aqui, enfatiza a necessidade de professor e aluno saberem lidar de forma madura com os processos de espelhismo e de transferência, demarcando conscientemente os lugares psicossociais de cada um. Ao professor, nesse diapasão, cabe o uso consciente da interdição na relação com o aluno, bem como uma postura que permita espaços vazios para o aluno poder movimentar-se e descobrir-se na interação com outros mediadores e espelhos culturais. A relação do professor com o aluno, portanto, deve evitar codependências, sejam estas alienantes ou autoritárias, e deve pautar-se na promoção do aluno em processos de apropriação reflexiva e crítica da sua herança cultural, do seu passado, isto é, da sua capacidade em representar para si e para o Outro tanto a sua condição real de sujeito em lugares psicossociais interdependentes quanto a sua condição imaginária de sujeito desejante que se espelha no Outro para construir-se.

Justo encerra seu texto com uma breve retomada das posições teóricas centrais da Psicanálise lacaniana: o inconsciente como elemento dinâmico situado nas relações socioculturais; o Outro como instância mundana da construção do desejo individual; a herança cultural, o passado e a linguagem como enigmas e repertórios simbólicos para a constituição do sujeito; e, por fim, a educação como experiência individual e coletiva central na produção da 'bula' cultural que norteia a produção humana de sentidos existenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do seu texto, Patto (1999) acentua como as escolas científicas que abordam a questão da educação estão fortemente arraigadas com seus respectivos contextos sociopolíticos e ideológicos de maturação e de produção de intervenções no social e na cultura. A psicologia diferencial, com efeito, em suas variantes racialistas e eugenistas, escolanovistas, da Teoria da Privação Cultural e da Teoria da Carência Cultural, não foge a esta regra, trazendo em seus axiomas, hipóteses, teses e teorias a marca das exigências sociais e culturais às quais busca responder: a educação em contexto autoritário oligárquico decadente, em que a noção de raça camufla as diferenças e desigualdades sociais; a educação em contexto capitalista liberal-democrático, em que a noção de aptidão orgânica individual mascara a ideologia funcionalista de organização do

jogo social; a educação em momento de crise de valores democráticos e de reorganização do social em bases neoliberais, em que as noções de desigualdade social e de diferenças individuais enviesam as dinâmicas de poder e de exploração; e, por fim, a educação no contexto libertário de luta por reconhecimento de minorias historicamente excluídas, invisibilizadas e alienadas do jogo político-social, em que a ideologia dominante busca localizar justamente a partir da noção de carência cultural a responsabilidade do pobre no fracasso escolar.

Patto, assim, deixa claro como são nefastas as consequências de discursos biologizantes, psicologizantes e culturalistas para a compreensão e explicação do fenômeno complexo do fracasso escolar. Urge, portanto, perceber o jogo social de transmissão de bens simbólicos e de formação de capacidades e habilidades das novas gerações na instituição escolar de maneira mais integrada à realidade de construção histórica do social e da cultura: as dinâmicas de poder, de dominação e de exploração entre as classes sociais; as possibilidades biológicas, assim como as aptidões e interesses individuais, mas sempre social e culturalmente mediados, devem ser levados em consideração.

A Teoria da Carência Cultural, ao estigmatizar a pobreza como incompetente para a formação das novas gerações, envia ideologicamente a questão do fracasso escolar ao omitir as variáveis políticas na organização da oferta de bens materiais e simbólicos para as distantes classes sociais em um jogo relacional estruturalmente desigual. A Psicologia Diferencial em sua versão clássica de genialidade hereditária, por sua vez, também oculta a realidade social assimétrica e exploradora entre raças e linhagens pretensamente superiores, mas que, paradoxalmente, exploram as raças pretensamente inferiores.

Isto posto, resta enfatizar o argumento central do texto de Patto: a educação constitui um empreendimento social e cultural amplo, de maneira que está visceralmente associado aos valores, normas, projetos, hierarquias e instituições históricas de uma sociabilidade dada. Essas considerações finais de Patto, com efeito, se aproximam do modelo antropológico-cultural laciano de formação do sujeito moral e emocional, tal como discorrer Justo (2004) no sentido de um *self* autoconsciente (MEAD, 1973), isto é, de um ator e agente social que se autopercebe crítica e reflexivamente enquanto partícipe de um jogo interativo modelado em estruturas relacionais de interdependência, em estruturas simbólico-significantes de comunicação e, - talvez o mais importante para a

discussão aqui exercitada sobre fracasso escolar, - e em estruturas correspondentes e codependentes de personalidade (ELIAS, 1993 e 2011).

O conjunto da discussão (PATTO, 1999; JUSTO, 2004), portanto, apresenta ao leitor o percurso, bastante abreviado, de formação do pensamento social euro-americano e moderno ocidental sobre as noções de pessoa e de subjetividade enquanto variáveis, ora dependentes e ora independentes, dos processos educativos e de formação sociocultural do sujeito individual. A noção de fracasso escolar, nesse diapasão, vem à tona do debate na condição de experiência individual de frustração e de experiência coletiva de falência na transmissão positivista de elementos culturais. A definição da situação como de fracasso escolar e de falência social, portanto, impeliu o pensamento social sobre a constituição do sujeito moral, emocional, cognitivo e comportamental em sucessivas ondas de sofisticação. Trata-se, em linhas gerais, de relevante tema a ser aprofundado em uma agenda interdisciplinar de pesquisas sobre as instituições sociais e culturais de engendramento do ser humano.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador, v.2. Formação do Estado e Civilização.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador, v.1. Uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JUSTO, José Sterza. A Psicanálise Lacaniana e a Educação. In: Kester Carrara (Org.), **Introdução à Psicologia da Educação: Seis abordagens.** São Paulo: avercamp, 2004,

MEAD, George H. **Espíritu, persona y sociedad: Desde el punto de vista del conductivismo social.** Buenos Aires: Paidós, 1973.

PATTO, Maria Helena Souza. Psicologia Diferencial. In: Maria Helena Souza Patto, **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** (4a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.